



www.delfimsantos.org

Delfim Santos

Orlando Ribeiro (1967)

Datiloscrito destinado à obra *In Memoriam de Delfim Santos*.

Para além da comovida evocação dum Colega e Amigo dileto, vale a pena meditar sobre o vazio que a sua ausência deixou na cultura portuguesa e sobre as circunstâncias que, frustrando-lhe em parte a vocação e a carreira, foram motivo de amargura pessoal e, mais ainda, de desaproveitamento dum dos raros mestres de pensar aparecidos entre nós.

A leitura das notas críticas e apreciações que o inesperado falecimento de Delfim Santos suscitou, põe em evidência a sua capacidade de reflexão pessoal, a profunda e ampla informação das correntes da Filosofia contemporânea, os dons de comunicação do professor, a clareza e o vigor do raciocínio e uma devoção total à Universidade e à Cultura. Delfim Santos não se sentiu atraído por um convívio penetrante e erudito com os grandes filósofos do passado, que levaram Joaquim de Carvalho a rastrear na história da cultura portuguesa o exemplo de algumas atitudes, mais ou menos originais, de pensadores que, como ele próprio, juntaram a correntes estranhas a luz da reflexão pessoal, nem pela argúcia crítica de Vieira de Almeida, que o conduziu a um ceticismo não raro amargurado de decepção e desinteresse, nem pelo hermético rigor da simbologia logística de Edmundo Curvelo, também desaparecido prematuramente, autor duma obra vasta e inacessível, sobre cujo valor e originalidade apenas raros especialistas poderão pronunciar-se. Tudo o que Delfim Santos escreveu é límpido, elegante e atraente: cultivou aquela clareza que, segundo Ortega y Gasset, é a cortesia do filósofo, clareza que afinal reflete uma feição do seu espírito e da sua personalidade e que fez dele o extraordinário professor que sempre foi. Ao lê-lo e ao ouvi-lo, alguém menos versado nas matérias de que se ocupou não se apercebia facilmente do que havia de original ou de profundamente elaborado nos conceitos que expunha. A extrema discrição, que foi outra faceta importante do seu carácter, impedia-o de isolar, do contexto da reflexão, o que trazia para ela o seu próprio contributo. E assim, para muitos, Delfim Santos terá passado por um expositor bem informado de certas correntes do pensamento europeu e só os escritos recentes revelaram a originalidade das suas ideias, na orientação filosófica em que se inseriam e onde encontraram condições favoráveis à sua formulação.



www.delfimsantos.org

Estranhamente, Delfim Santos, depois de alguns anos de convívio com mestres do pensamento nos maiores centros europeus e de possuir os graus requeridos pela tradição universitária, veio ensinar Pedagogia e não Filosofia, em condições que lhe não permitiram fazer escola, recrutando discípulos e continuadores que só a garantia duma carreira permitiria que aparecessem. Estranhamente também, este professor que tanto refletira na estrutura e nas finalidades duma Universidade renovada, nunca foi chamado a desempenhar qualquer cargo de direção. E se alguém o podia exercer com êxito era ele, sempre sereno, conciliador, dotado duma rara finura humana e de primorosos dotes de convívio. O assentimento ou a discordância, nas assembleias universitárias, manifestou-o sempre com a mesma elegância sóbria e digna, revidando o ataque apenas com um sorriso de ironia, desinteressado da competição e incapaz de lutar por posições que desejava apenas porque delas se sabia merecedor e tinha a clara consciência dos serviços que poderia prestar. E quando, no outono da vida, Delfim Santos foi convidado a dirigir um centro de investigação, pesou na criação dele muito mais o prestígio da posição que ocupava, como titular da cadeira de Pedagogia, do que a vasta obra de filósofo, onde medravam as frondes da autêntica raiz da sua vocação.

Nada adianta imaginar o que, noutro ambiente e noutras circunstâncias, poderia ter sido a trajetória cultural de Delfim Santos se, quando regressou da Europa, na pujança do seu talento e na riqueza dos seus conhecimentos, a Universidade o tivesse aproveitado nas matérias da sua predileção. Pensador e mestre de pensar, poderia Delfim Santos ter criado aquilo que nunca existiu entre nós e nem se vê como possa aparecer: uma escola de reflexão, de amor da Sabedoria, de culto da *Sageza*, numa conjugação de qualidades intelectuais e humanas que são o fundamento da Ciência e a sua razão de ser, mas que transcendem, ao nível da Cultura, o positivismo dos seus resultados. Hoje que a *inteligência* nacional se vê privada dum dos valores que, dentro e fora do País, alcançaram maior projeção, apenas podemos deplorar um destino que, sendo duro com ele, a todos afinal empobreceu.

Apenas a obra que, piedosamente, os seus colaboradores mais íntimos estão empenhados em reunir, transmitirá a sua mensagem. Mensagem de profundo humanismo, de crença no valor da reflexão, de serenidade, de compreensão e de tolerância, de alegria interior – valores que sempre se empenhou em alcançar e tantas vezes lhe foram negados. Mas fazer uma obra é, afinal, superar a amargura e as desilusões das circunstâncias da sua criação. Estas podem interessar como tema de meditação das limitações do homem no contexto social do seu tempo e do seu povo: o duro tributo que o talento tantas vezes paga à mediocridade e à inveja, para, arredando-as, deixar apenas o testemunho duma vitória do Espírito.

Orlando Ribeiro